

Entre risos e narrativas: ver-Beth Barros

Ana Lucia Coelho Heckert

Narrar histórias, ainda mais quando se trata daqueles com os quais partilhamos o trabalho, é tarefa deliciosa, mas nada fácil. O convite de Heliana Conde para que formulasse uma espécie de anti-biografia de Beth Barros, professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), foi aceito com um misto de alegria e temor, já que quem conta um conto sempre aumenta (ou diminui) um ponto. O desafio aqui foi o de falar não de Beth, mas sim de trajetórias nas quais vidas diversas se entrecruzam.

Vários começos são possíveis: as trajetórias da vida pessoal, as construções profissionais, a produção acadêmica etc. O risco aí é realçar uma história-monumento, em que as vibrações e variações são silenciadas. Para narrar histórias com Beth Barros, talvez o mais apropriado ou, melhor dizendo, o menos equivocado, seja falar da sua incansável aposta na construção de redes. Uma tecelã de redes, em que o riso matutino é o alimento para apostar ainda uma vez mais. Uma outra linha seria trazer nessa narrativa o que constitui matéria-prima do trabalho de Beth: os processos de formação. É por meio da formação/trabalho que Beth Barros tece pontos vários de composição com variadas redes, constrói suas apostas, celebra políticas da amizade.

Uma anti-biografia de Beth Barros requer, principalmente, que aticemos a memória intensiva das lutas, sempre coletiva e nunca pessoal. Memória intensiva que percorre bifurcações, desvios. O que se pode recordar aqui necessariamente é a força dos encontros, do riso compartilhado. Como diz Galeano em *O Livro dos Abraços*: “O importante é rir – ensinou-lhe o velho. E rir juntos”.

Vários começos são possíveis e eu escolho apenas um deles, que se efetua em terras capixabas com a construção do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Aqui emerge um destes começos em que a rede tecida permitiu que vários sotaques brasileiros (capixabas, paulistas, mineiros, cariocas etc) se misturassem em torno da criação de um Curso de Graduação em Psicologia no início dos anos de 1980. O inusitado desta afirmação foi, exatamente, o de que a formação se efetuassem pelo princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, aliançada com

movimentos que seriam mais tarde expressos como eixo da formação na universidade pública brasileira, e afirmados pela Constituição de 1988. Foi assim que o Núcleo de Psicologia Aplicada (NPA) foi elaborado como campo de entrelaçamento de ensino-pesquisa-extensão na formação de psicólogos, diferenciando-se dos Serviços de Psicologia Aplicada, que são setores responsáveis por garantir a carga horária obrigatória de estágio na formação de psicólogos.

Muitas lutas envolveram esta aposta na formação 'psi': luta por espaço físico, por contratação de docentes, por estabelecer interlocuções com outras IFES no campo da psicologia, por indagar especialismos-psi. Quase 30 anos depois, o curso conta com dois departamentos (Departamento de Psicologia e Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento), dois cursos de pós-graduação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional e Programa de Pós-Graduação em Psicologia) e uma variedade de projetos de extensão, de pesquisa, de estágio. Construções efetuadas a muitas mãos, conflitos vividos ao rés-do-chão.

Algumas apostas impertinentes permearam esses caminhos: fazer da formação um campo de compartilhamento de experiências diversas, polifônicas; estabelecer diálogos para fora da vida acadêmica; efetuar interlocuções com grupos diversos, com ferramentas conceituais-metodológicas advindas de muitas paragens. Nas trilhas percorridas, o desafio que ocupou Beth foi o de evitar o isolamento, o ensimesmamento, a repetição sempre da mesma língua; talvez por compreender, com Brodsky, que o nômade compromete a idéia de horizonte do camponês.

Muitas foram as alianças construídas neste percurso na Psicologia com outros grupos em tantas universidades brasileiras: UFF, UERJ, UFRJ, UFRGS, FIOCRUZ, UFPb, UFS, UNICAMP. Nestes encontros estavam lá os seus parceiros do Departamento de Psicologia, os estudantes de graduação, os profissionais das redes públicas de ensino, os sindicalistas - sempre em conversação com aqueles que chegavam como convidados para nos trazer indagações, para estranhar o que parecia já familiar.

Na universidade, envolvida com os processos de formação, nos anos de 1990, Beth tece composições com o Programa de Pós-Graduação em Educação/UFES, abrindo espaços para orientação de pesquisas e debates em que, mais uma vez, os profissionais da rede pública de ensino do Espírito Santo, os sindicalistas, militantes da

educação, professores da Universidade, dentre muitos outros, são os interlocutores para elaborar indagações que percorrem o cotidiano das escolas, a atividade de trabalho e saúde dos profissionais da educação. Finalmente, em 2007, o sonho acalentado há muitas décadas, e tecido por muitas mãos, se materializa, abrindo novas trilhas com a criação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional. Nessa aposta coletiva, que contou com aliados na UFES, mas também fora dela, Beth assume a coordenação do programa junto com Cristina Campello Lavrador. Novos desafios, novas redes a serem tecidas, outras picadas abertas.

Este começo do qual parto é escolhido por constituir-se em potente analisador das instituições que têm atravessado nossos modos de vida hoje, tecendo a educação pública no Brasil e expressando também atrevimentos e outros possíveis.

Nos caminhos e percursos de Beth, os encontros que oportunizou e em que continua a insistir têm a marca da coexistência de posições políticas, metodológicas e conceituais muito diversas (mas não ecléticas), muitas vezes vividas com tensionamentos e conflitos. Atração e risco pela polifonia que permite embates, que expressa uma agonística, que não se fez sem a afirmação de princípios éticos que tomam a afirmação de uma vida como campo de construção de outros possíveis.

Uma trajetória em que a força que constitui Beth é expandida pela força sempre de outrem, pelas perguntações de um outro, pelos desafios de um outro, pelas indagações com que se depara, pelas apostas tecidas em comum. É da inquietude com a mesmice, com as obviedades, com as evidências, que outras trilhas foram tomadas e, nestas, abrindo sempre picadas para outros que não de vir. Em meio à vida acadêmica que atíça disputas, querer de baixo contágio, de fraca composição, a aposta permanece alimentada por fazer com, por pensar com, por inventar com, por rir com.

Talvez possamos também falar das maletas de Beth, das ferramentas que incansavelmente gosta de construir com seus aliados, teimosamente caçando aqui e ali meios de expressão da vida que insiste em meio aos constrangimentos. Meios de criação de políticas que sejam expressão de todos e qualquer um.

Mas as maletas jamais podem ser fechadas, jamais podem se contentar com os instrumentos já fabricados, posto que a vida varia. E é o corpo curioso que se dispõe a falar línguas não aprendidas/sabidas que possibilitou encontros com os grupos que vêm tomando a atividade de trabalho como método de análise do que se passa no fazer dos

trabalhadores. Outras composições foram possíveis com estes encontros, novos tensionamentos no já sabido, nas experiências tecidas, nos territórios habitados. Se as maletas portavam artefatos compostos com Althusser, Foucault, Marx, Deleuze, Guattari, Regina Benevides, Escobar, Heliana Conde, dentre outros, o encontro com os grupos que tomam o trabalho como atividade possibilitou a abertura de novas vias de análise para o que se passa nos processos de formação-gestão-trabalho-saúde. Desses encontros foi possível recheiar as maletas com ferramentas advindas de Canguilhem, Yves Schwartz, Milton Athayde, Yves Clot e tantos outros anônimos que tecem as práticas ‘psi’, os processos de formação-trabalho.

Desses encontros frutificam uma imensidade de artigos-ferramentas, de narrativas do trabalho-vida, que têm circulado pelas universidades, pelas escolas públicas, pelos serviços de saúde, compartilhando análises, indagações, experimentações; interferindo nos processos de formação dos profissionais dos campos da saúde e da educação. Colocar na roda o que se cria, as perguntas para as quais não se tem respostas prontas, soluções clichês, é também ato de generosidade. É, principalmente, publicização do trabalho que se tece no cotidiano deste fazer docente.

Atração e risco, encontros e desencontros, criação e derrapadas, passionalidades e impessoalidades, transversalidades e cegueiras, conversas e emudecimentos ... de tudo isso, e muito mais, é composta a vida. Em tudo isso e muito mais é tecido o fazer daqueles que tomam a formação como território a habitar, a interferir.

Este fazer docente é recortado, chacoalhado e inventado por muitas políticas. Em Beth a política da amizade é um desafio/aposta. É por meio do trabalho que suas manhãs se alongam, suas tardes de expandem. Mas não se trata de qualquer trabalho, sobretudo não se trata daquele que fabrica existências precarizadas. Seu motor tem sido o trabalho-riso, que não fecha os olhos para o sucateamento da vida, mas que habita o inferno para nele tecer possíveis. Nessa política da amizade os encontros não se fabricam com os binarismos (ou isso ou aquilo), com as exclusividades, com os pensamentos conformes e únicos, mas por conectivas e polifonia. Contudo, tais conectivas não dispensam de forma alguma um rigor ético, como recomendava Paulo Freire. Uma ética que deseja lateralidades, conversações infinitas. Uma política da amizade não se faz entre o mesmo, mas entre-indagações, entre-surpresas, entre-diálogos, entre-desestabilizações, entre-estranhamentos, entre-vidas. Não se faz com pacificação e subserviência ao que apequena a vida.

Não se tece formação-ética sem a constituição de uma política da amizade impiedosa. Posto que a formação, capturada nos códigos morais, está aliançada com o amortecimento da vida, fazendo pelo outro, falando sempre a mesma língua. Entretanto, uma política da amizade requer uma língua comum, como disse Deleuze no Abecedário, uma aposta compartilhada entre guerreiros (Passetti, 2003). Formação como política da amizade apenas se efetua com exercícios de liberdade, com afirmações de que a vida pode ser uma estrela dançarina, como belamente insinuou Nietzsche. Com os percursos de Beth Barros, docente-aprendiz, vemos que os processos de formação podem se efetivar como campo de problematização da vida, como via de passagem das intensidades que fazem variar nossos modos de existência.

Nessa anti-biografia, talvez o mais apropriado seja afirmar os aprendizados mestiços, em que nos sotaques variados modos de fazer educação pública vão se polifonizando. Uma Beth-Arlequim-mestiça expressa modos de fazer a formação que têm se espreado por este país, apesar de muitas vezes apenas sobressaírem as mazelas da educação, seus supostos insucessos e durezas. Nesse percurso Beth-Arlequim-mestiça, luta-se por afirmar que nada é idêntico, singularizações compõem a vida em meio às fragmentações, aos regimes de verdade. Afinal, como diz Michel Serres (1993), nada aprende quem não se mexe, nada ensina quem não provoca deslocamentos.

Entre errâncias uma vida é tecida, entre-risos vamos aprendendo com Beth Barros que sempre há algo surpreendente sob o sol e sob as estrelas, e o trabalho da/na formação não dispensa esta aposta.

Ana Lucia Coelho Heckert é Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: anaheckert@uol.com.br

Referências Bibliográficas:

- DELEUZE, G. O Abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista por Claire Parnet. 1995. Disponível em <http://www.oestrageiro.net/>. Capturado em 28/04/2000.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GALEANO, E. O livro dos abraços. Rio de Janeiro: LP&M, 2003.
- PASSETTI, E. Ética dos amigos. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.
- SERRES, M. Filosofia Mestiça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.